

Roy (à direita), com Siegfried e um tigre branco em 1992, disse que os animais eram como filhos deles.



SIEGFRIED & ROY

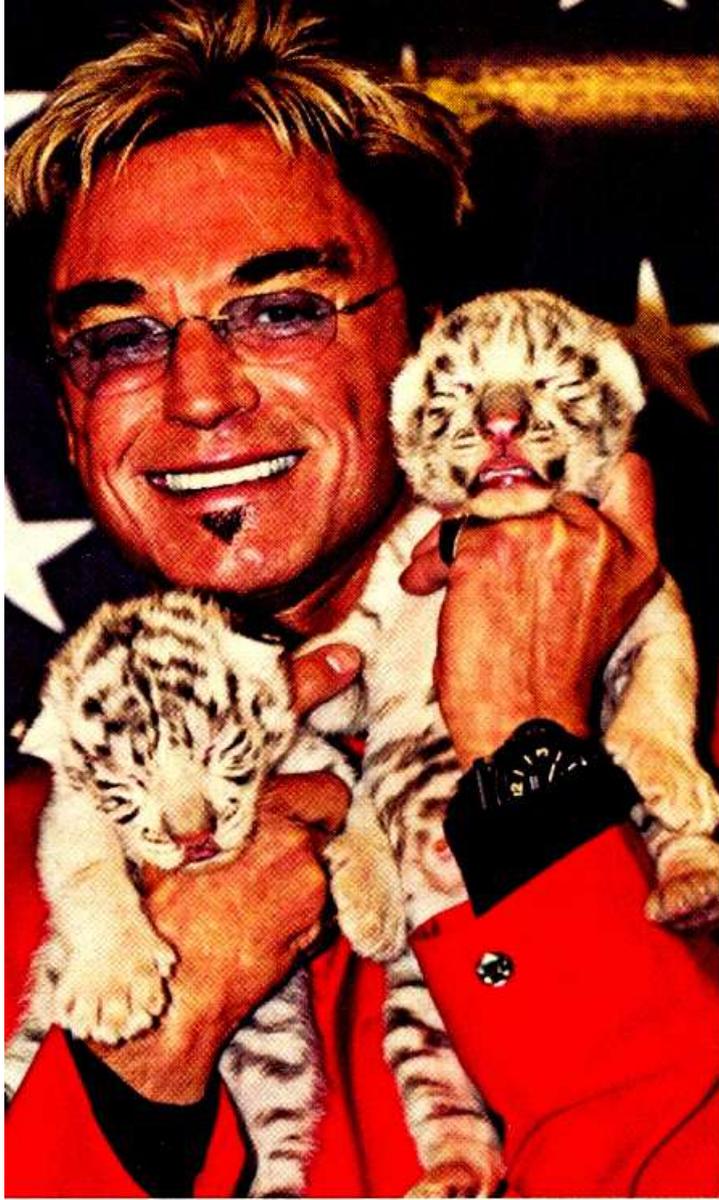
UM DIA DE TIGRE

O INESPERADO ACONTECEU

PARA SIEGFRIED & ROY, a dupla de ilusionistas cuja mistura de esplendor e encantadores tigres brancos simboliza tudo o que há de emocionante em Las Vegas, 3 de outubro de 2003 começou como um dia de celebração e terminou como uma noite de terror.

Na exuberante festa de aniversário em comemoração a seus 59 anos, no teatro do Hotel Mirage, que leva o nome da dupla, Roy Horn

POR ALANNA NASH



Roy, com filhotes de 6 dias, dormia com os tigres até fazerem 1 ano.

varou a madrugada com 500 amigos e outros profissionais do *show business*. Ele passara a noite dançando e indo de mesa em mesa, e à meia-noite fez um brinde a seu parceiro, Siegfried Fischbacher, em homenagem a seus 44 anos juntos.

“Ele estava muito alegre”, lembra o imitador Frank Merino, um dos convidados. “Fazia piadas e se mostrava brincalhão o tempo todo.” Uma das provocações envolvia a idade de Roy e sua possível aposentadoria. “Só vou me aposentar quando não puder me apresentar mais”, disse ele em seu sotaque alemão, referindo-se à força fí-

sica necessária para se alçar em cordas dez metros acima da platéia e lidar com tigres de 300 quilos, a parte principal de seu número. Para um homem tão ágil e em tão boa forma, esse dia parecia muito distante.

Mas, menos de 24 horas depois, Roy estaria próximo da morte, no centro cirúrgico do Centro Médico Universitário. Até numa cidade famosa por apostas arriscadas, poucos acreditavam que ele sobreviveria até o dia seguinte. Em 30 mil *shows*, perfeitamente sincronizados, com elefantes, leões, tigres, guepardos e araras, Siegfried e Roy nunca haviam sofrido nenhum acidente grave. O espetáculo deles, visto por cerca de 400 mil pessoas por ano, era um pastiche do esplendor de Las Vegas, com encenações arriscadas, ilusionismo e, claro, animais.

Era Roy quem lidava com os leões e tigres, e sua habilidade de se comunicar com eles era, ao mesmo tempo, maravilhosa e misteriosa. Roy não treinava os animais, mas se familiarizava com eles usando uma técnica que chamava de “condicionamento afetivo”, criando filhotes de tigre desde que nasciam e dormindo com eles até que completassem 1 ano de idade. “Quando um animal lhe dá sua confiança”, disse Roy certa vez, “você sente que ganhou o mais belo presente do mundo.”

Mas, na noite de 3 de outubro, essa confiança foi violada. Quarenta e cinco minutos depois de o *show* ter começado, mais ou menos às 20h15, Roy tirou da jaula *Montecore*, um tigre

branco de 7 anos nascido no México. A atenção do felino, de quase 200 quilos, foi atraída por alguém do público de 1.500 pessoas e ele saiu de seu número habitual, desviando-se para a beira do palco. Como não havia nenhuma barreira protegendo os espectadores, Roy pulou para se colocar entre *Montecore* e a primeira fila, a apenas alguns metros deles, e deu-lhe um comando para que se deitasse. *Montecore* se recusou, segurando com a pata o pulso direito do treinador.

“Ele deixou escapar a corrente [que estava no pescoço do tigre] e tentou agarrá-la, mas não conseguiu”, diz Tony Cohen, um turista de Miami que ocupava um assento próximo do palco. Como segurava um microfone na mão livre, Roy tentou repetidas vezes bater com ele na cabeça de *Montecore*, o som dos golpes reverberando pelo teatro. “Solte!”, comandava. “Solte!”

Montecore parou de apertar seu pulso, e Roy, que fazia força para se livrar, acabou caindo de costas sobre a perna do tigre. Num segundo, *Montecore* estava em cima de Roy, fechando a poderosa mandíbula em torno do pescoço do treinador. Então Siegfried atravessou o palco correndo e gritando: “Não, não!” Mas o tigre

arrastou seu mestre, “literalmente, como um boneco de pano”, lembra outra testemunha, por uns dez metros, até sair do palco. Algumas pessoas na platéia se assustaram, mas muitas ainda achavam que o incidente fazia parte do espetáculo. “O tigre não o agarrou de maneira violenta”, disse Andrew Cushman, que assistia ao show. “Simplesmente o agarrou pela garganta e deixou o palco.”

**‘ELES SÃO
PREDADORES.
QUEM PODE
SABER O QUE
SE PASSA EM
SUAS
CABEÇAS?’**

Mais tarde, Siegfried diria que Roy havia desmaiado porque tomara um remédio para pressão alta; *Montecore*, insistiu ele, percebeu que algo estava errado e só tentou proteger Roy. Mas especialistas em comportamento animal não dão muito crédito a essa versão. Dizem que é mais provável que *Montecore*

estivesse prestes a dar uma mordida fatal, como faria um tigre selvagem que quisesse matar um antílope.

“Eles são predadores; quem pode saber o que se passa em suas cabeças?”, diz Kay Rosaire, que dirige um espetáculo com grandes felinos perto da cidade de Sarasota, na Flórida. “Embora tenham sido criados em cativeiro e gostem da gente, muitas vezes seu instinto natural os domina.”

Alguns membros do show que testemunharam o incidente disseram

que o tigre não necessariamente queria matar, mas ficara confuso por ter saído do número habitual e com raiva por estar recebendo ordens. Eles acreditam que o estresse da situação fez com que *Montecore* atacasse o homem que trabalhara com ele quase todos os dias desde que tinha 6 meses de idade.

Qualquer que tenha sido a causa, depois do acontecido alguns assistentes de palco, horrorizados, usaram os jatos de um extintor de incêndio para tentar fazer com que o tigre soltasse Roy. Quando isso não deu certo, eles bateram na cabeça do animal com o extintor. *Montecore* correu para sua jaula, depois de rasgar a jugular de Roy, por pouco não acertando a carótida.

“Havia muito sangue”, diz o dançarino Mike Davies.

“Muito mesmo.” Roy, ainda consciente, murmurou: “Não atirem no tigre.” Alguém da equipe conseguiu estancar temporariamente a grave hemorragia, enquanto membros do elenco formavam um círculo para rezar. Enquanto isso, uma equipe cirúrgica se reunia no Centro Médico Universitário e uma ambulância atravessava a noite. Antes que os jornais soubessem da história, Kenneth Feld, o produtor da dupla, já tinha

cancelado o *show* – que vinha sendo apresentado havia 13 anos –, dizendo aos mais de 200 membros do elenco que procurassem trabalho em outro lugar. *Siegfried & Roy*, o mais popular espetáculo da história de Las Vegas, aparentemente havia acabado.

A notícia se espalhou rapidamente pela comunidade da madrugada, e vigílias surgiram no hospital e no Hotel Mirage. Em toda a cidade,

poucos artistas eram mais admirados do que aqueles dois, que se conheceram quando jovens, trabalhando num navio de cruzeiro alemão. Quando, em 1967, eles trouxeram seu número de mágica para Las Vegas, ajudaram a transformar uma cidade que na época era dominada por cantores cafonas, comediantes de segunda e dançarinas de *topless*. Em

1988 assinaram com o construtor de cassinos Steve Wynn um contrato de cinco anos no valor de 57 milhões de dólares, para apresentar no Mirage uma mistura de *show* da Broadway com espetáculo de circo.

Logo eles faziam parte da realeza de Las Vegas, vivendo numa enorme mansão que chamavam de Palácio da Selva, onde uma réplica da Capela Sistina adornava o teto. Sua outra residência fica num terreno de 40 hec-

**TIGRES
E LEÕES
ANDAVAM
INCLUSIVE
PELO QUARTO
DE ROY E
PELA PISCINA.**



Em suas primeiras aparições após o ataque, Siegfried agradeceu aos fãs o apoio.

tares, fora da cidade. Lá, 63 tigres e 16 leões, nenhum deles sem as garras, andavam por onde queriam, incluindo o quarto de Roy e a piscina. Roy meditava com pelo menos um tigre todos os dias.

Apesar de riquíssimos, Siegfried e Roy também eram muito generosos. Em particular, eles destinavam dinheiro para cuidar de cães policiais e da United Service Organizations, uma instituição que apóia as forças militares americanas. Em várias entrevistas ao longo dos anos, eles disseram que se espantavam por dois filhos de pais agressivos e alcoólatras – ambos soldados no exército de Hitler – terem realizado seus sonhos e ido tão além deles, num lugar como Las Vegas.

Siegfried, que sempre foi um pouco cauteloso em relação às feras, era o membro mais quieto da dupla, o grande mágico, o cérebro por trás dos números de desaparecimento. Roy tinha seu próprio magnetismo animal, e comandava os enormes felinos com apenas um gesto. Siegfried e Roy, diz Robin Leach, amiga de ambos, “são tão ligados um ao outro que parecem irmãos. Sem um, não haveria o outro”.

No hospital, na noite do ataque, Siegfried estava em estado de choque, como lembram seus amigos Robert e Melinda Macy, que escreveram um livro sobre a dupla. No caminho para o centro cirúrgico, os paramédicos haviam estancado a grave hemorragia de Roy, e ele foi

levado para a cirurgia imediatamente. Na mesa de operação, a equipe médica teve de ressuscitá-lo pelo menos três vezes.

Pouco depois das 23h30, eles o retiraram do centro cirúrgico e o levaram para outra parte do hospital. Mas, no começo da manhã seguinte, Roy sofreu um acidente vascular cerebral grave e voltou a ser operado às 9h30, quando os médicos realizaram uma grande craniectomia descompressiva, removendo temporariamente cerca de um quarto de seu crânio, para aliviar o edema cerebral. (A parte extirpada foi colocada numa bolsa em seu abdômen, para manter vivo o tecido ósseo.) O lado esquerdo de Roy ficou parcialmente paralisado e sua traquéia foi esmagada. Colocado num respirador, não podia engolir ou falar.

Mas, incrivelmente, reagiu quando Steve Wynn falou com ele poucos dias depois, apertando sua mão uma vez para dizer “sim” e duas vezes para dizer “não”, e respondendo afirmativamente quando lhe perguntaram se conseguiria lidar com tamanha provação. Ele também indicou que queria ver seu cãozinho *Piaf*, que foi levado até o hospital para uma visita. “É um milagre ele es-

tar vivo”, disse o Dr. Derek Duke, neurocirurgião que cuidou de Roy.

No fim de outubro, ele estava forte o suficiente para ser levado de helicóptero para o Centro Médico da Universidade da Califórnia, onde seu estado continuou a melhorar. E, durante todo o tempo, Siegfried ficou a seu lado. De acordo com o agente do grupo, Bernie Yuman, Roy foi retirado do respirador em meados de novembro. Suas funções cognitivas estavam “intactas, perfeitas”, disse Yuman. Ele estava escrevendo bilhetes e mais bilhetes, dando ordens e até pedindo um CD da Madonna.

Nos últimos meses, a assessoria de imprensa da dupla tem se mantido em quase completo silêncio, assim como o produtor do *show*, Kenneth Feld, proprietário dos circos Ringling Brothers e Barnum & Bailey.

Feld tem outros problemas além dos ferimentos de Roy: grupos de proteção aos animais têm reivindicado ferozmente o fim dos espetáculos com tigres. E o Departamento de Agricultura americano abriu uma investigação para saber se o *show* de Siegfried & Roy violou uma lei em defesa dos animais, pois o regulamento exige que haja distância suficiente entre estes e o público. Em meio a tanta ce-

**GRUPOS
DE PROTEÇÃO
AOS ANIMAIS
QUEREM
ACABAR COM
OS SHOWS
COM TIGRES.**

leuma, o Mirage tem se recusado a divulgar o vídeo da apresentação quase fatal. E a máquina de publicidade da dupla agora está dando gás total à divulgação de *The father of the pride* (O pai do orgulho), um seriado cômico para a televisão, feito com computação gráfica e que conta a história da dupla e dos tigres brancos que trabalham para os dois. Supostamente, Roy está fazendo planos para o programa.

Embora o porta-voz de Siegfried e Roy não possa prometer que o *show* deles vá voltar, se há alguém que vem conseguindo se recuperar de tão grande provação, diz Robert Macy, esse alguém é Roy. Ele está em casa, embora tenha sido divulgado que teria voltado ao hospital em janeiro, por causa de uma infecção.

E pode não ter sido a última vez. Por causa da perda de sangue e de oxigênio no cérebro, alguns médicos dizem que Roy pode ter sofrido paralisia parcial e danos cerebrais irreversíveis, e talvez precise de ajuda para realizar até atividades básicas, inclusive andar. Muitas vezes, em casos como o dele, os pacientes apresentam efeitos residuais do ferimento no cérebro, como dificuldades na fala, problemas de memória, instabilidade emocional e perda cognitiva.

Mas os progressos são evidentes.

No fim de janeiro, o tubo traqueal de Roy foi retirado, permitindo que ele falasse e pedisse sorvete de pistache e *Wiener schnitzel*, um prato tradicional alemão feito com vitela. Sua mobilidade também melhorou. Siegfried contou que Roy já conseguia se levantar, e Yuman sugeriu que ele poderia andar em pouco tempo.

No entanto, esses bons sinais podem não ser suficientes para garantir que Roy vá voltar aos palcos, e talvez ele esteja finalmente pronto para começar aquela aposentadoria de que falou em sua festa de aniversário. Se isso acontecer, dizem seus amigos, ele provavelmente encontrará algum modo de contribuir, mesmo que seja no luxuoso hábitat atrás do Mirage onde *Montecore* agora fica, observando seus visitantes com gélidos olhos azuis.

Em fevereiro ainda não havia planos de se dar outro nome ao Teatro Siegfried & Roy, mas o Mirage estava negociando levar outro *show* para lá. Por enquanto, os rostos dos dois ilusionistas ainda brilham no *outdoor*, dando esperanças de que a dupla possa voltar algum dia.

Siegfried diz que jamais terá outro parceiro. Não há necessidade, diz ele; Roy vai voltar. “Roy é fantástico. E ele sempre me explicou: ‘A vida é cheia de milagres.’”

NEGÓCIO DIVERTIDO

Para ser comediante profissional, o sujeito só precisa de casaco esportivo e infância ruim.

JEFFREY ROSS em *How to be funny*, Jon Macks (Simon & Schuster)